

EMC4

(Afinal tudo é relativo!)

pnob

www.pnob.com.br

QUEM FAZ O QUE:

Diretora Executiva e RP

Suzana Jardim

Jornalista Responsável

Guta Campos

Diretor de Ações Múltiplas

João Marcello Dias

Treinee de Assessoria

JOTA

Hostess Oficial

Márcio Rodrigo

Direção de Arte

Rick Brunharo Studio's

rickbrunharo@yahoo.com

VideoReportagem

www.r2digital.com.br

Imprensa

PróCultura e Press Club

Distribuição

De mão em mão e grátis

Nos eventos que promovemos

e lugares onde circulamos.

Periodicidade

Eventualmente Mensal

Tiragem

5.000 exemplares

Gráfica

3Graf - Antonio (11) 3735-8065

EXPOSIÇÕES:

Angeline Parra

Regina Villas Boas

Cartunistas

Apresentação das Mesas Gráficas Wacom

VideoReportagem R2Digital.

SHOW COSTA SENNA: Em Cena o Cordel

AGRADECIMENTOS

Jani e Alex do Stroker, Henrique Levy, Reginoldo Macedo, Alessandra, Autor na Praça, Jornal da Praça, Angela Prada, Miragaia, Roberto Barros, Gepp e Maia, Jack Leonard, Samuel Szpigel, Marcelo Andrade, Anja Dest, Leandro da Katálogo, GUGA, Angeline Parra, Antonio da Souza, Vera Simões, BelGallo, Paulo Castilho, Paulo França, Marcelo Guedes, Bell do Miller, Carlos São Thiago - O Santol, Paulo Arjuna - O Anjo, Giba, Everson Firmino, Bachir da Abredj, Marisa da Carpaccio&Cia, Sonia da Frigolândia, Marcos e Giba do Canto, Baby e Têssilo, Mario Wagner Okuno e Você.

QUEM SOMAMOS...

O Pnob é assim... livre, independente, ousado, macio, e tudo de bom!

A cada edição uma nova idéia, a cada momento uma abordagem diferente, uma nova brincadeira, um novo design, novos colonistas, novos assuntos, novos parceiros.

Venha você também fazer parte desta brincadeira de gente grande, afinal de contas Zazalsmo vem a cada dia demonstrando que estamos no caminho certo! Portanto iremos

também nos permitir a Zanzar pelo mundo agora, escrevendo histórias e desenhando novas etapas da vida... coletivamente!

Zuzo isso é porque a gente acredita que as pessoas são capazes, inteligentes e unidas... Aproveitamos para agradecer a todos os amigos e parceiros que nos fortalecem a cada novo passo...

Os artigos são de responsabilidades de seus autores, tanto opinião quanto ortografia.

• A REGRA É NÃO TER REGRA •

PAIXÃO S.A.

Descobre a solidão quando compra pão. É só pra uma pessoa. Deprime. É preciso receber carboidratos não só dos chocolates e deixar de ser tão romântico ou tão triste.

De onde escreve pode ver a lua, mas não consegue manter suas idéias intocadas como ela. Não relaxa. Está chovendo, mas pra ele é alguém falando. É uma aranha-de-jardim, mas pra ele é o Calvin. Trocaria seu almoço por um suflair. Saber é anestésico. Filosofia é anestésico. O que sugere conveniência suprime sensibilidade. Um dia, playgrounds vão cobrar bilheteria - se já não cobram - e as crianças todas vão querer fazer tatuagens - se já não querem. E daí? Ele não pensa como a maioria. Apaga um cigarro atrás do outro e isso me preocupa. E só come besteira. Dorme tarde, dorme pouco e nunca acorda. Eu tento cuidar dele, mas ele foge pelas frestas das conversas sérias que não vão até o fim. Não lê sobre guerra, mas sabe que em algum lugar - e pode ser aqui - graves acidentes deixam pessoas tetraplégicas e jóias espalhadas.

Acha que já sabe apagar o que sente com o vento. Treinou a semana inteira (quando teve uma vida). Como se o tempo fosse um palito de fósforo. Fica pensando se é possível disparar-se contra o sol, ser forte e ser por acaso ao mesmo tempo. Eu acho que não, isso é para os cazuzas. Ele tenta, mas parece que seus rins vão explodir. Nasceu Bob Dylan.

Nem toda verdade me interessa. Mas me toca. Cresço assim, minha manicure é a realidade. Ainda não tenho pleno controle das funções emocionais, olha só, compro uma calça e na loja fica perfeita, mas quando chego em casa eu visto a calça e fica horrível. Consigo ser intimista, mas me torno excessivo. Comentando tudo ou dizendo nada. Percebo fantasmas querendo fumar o meu cigarro. Sinto. Alguns falam em inglês. A língua dos neuróticos agentes do caos mundial. Ouvi dizer que são três: o ouro, o petróleo e o dólar. Mas pessoas como eu não precisam disso. Numa ilha deserta, água potável vale mais que ouro, petróleo não serve pra nada e o dólar vira papel higiênico. Quer fugir do caos? Mude-se para uma ilha deserta. E não se esqueça de levar um disco do Dire Straits.

E alguns livros. E um espelho. Faça uma lista porque eu sempre me esqueço de levar um espelho. E pasta de dente. Por isso tenho ido cada vez menos em ilhas desertas, transportar verdades e aparelho de som só parece fácil.

Por isso tantas mulheres se confundem com Bridget Jones. E alguns homens. Confusão ou identificação, por causa desse negócio de espelho. Compram almofadas em forma de coração e fumam *silk cut* por causa de ja. E bebem *blood mary* (um lance de molho inglês, meia colher de café de sal, uma dose de suco de limão, três doses de suco de tomate, uma dose e meia de vodka e dois cubos de gelo. Em uma coqueteleira, misture todos os ingredientes e despeje em um copo baço.) E compram auciás meias finas importadas que não desfilam e o comercial dessas meias tem um gato afiando as garras na perna da dona e isso convence. Escrevem em seus diários que querem competir e sonhar ao mesmo tempo. E consomir. Fugindo de um Daniel Cleaver. Ligando pra um Mark Darcy. Quer um jantar romântico depois das sete. Elas se confundem com Bridget Jones porque pintam o cabelo e um dia ainda serão presas por roubar cinzeiro de motel.

O restaurante, o filme, os livros, a cicatriz na testa. Até o gel. Tudo isso era pra você se apaixonar e você não percebeu. Se beijo fosse como aquele chocolate, o marketing pessoal de cada um seria cada vez mais competitivo e insuportável. Amor viria embrulhado em alumínio e celofane. Contrataríamos designers para criarem logotipos para as nossas intenções, outdoors das nossas paixões na marginal do Tietê. Pense no nosso sexo. Pense no estado em que deixamos o mundo. Pense no seu andar atrás das coisas que custam uma fortuna. É confusão ou identificação? Um dia esquizofrenia será uma febre. Aguarde, todos vão querer fugir. Será que numa ilha deserta o número atômico do ouro é 79? Chocolate pode ser a quarta causa do caos mundial. A revista Caras, a quinta. Pense em como é fácil pular do vigésimo, mas não pule. E não pare nunca de comer chocolate. Porque paixão também vicia e engorda.

Victor Carbone

victorcarbone@excite.com

http://www.muigats.com

PATROCÍNIOS



PARTICIPAÇÕES ESPECIAIS



WACOM tablet

PRESTÍSSIMO

O Novo Ministério da Cultura

O atual momento é de discussão de uma nova política cultural para o Brasil. A administração de Gilberto Gil, como Ministro da Cultura, chega em boa hora. Ele usou uma metáfora ao assumir em que disse "Precisamos consertar o avião com ele voando". Eu achei que essa frase disse tudo: o avião, como está voando, está de alguma forma funcionando. No entanto ele possui muitas peças e engrenagens que estão desreguladas e criando distorções terríveis. Se continuar voando desse modo nosso destino não é outro a não ser cair. Mas se conseguirmos essa mudança da "máquina administrativa" e dos "rumos da política cultural" com o avião voando, podemos acelerar bastante o avanço da cultura brasileira.

Para que essa mudança se opere de forma saudável e alinhada com a metáfora do Ministro, o Governo precisa, em primeiro lugar, desenhar novos mecanismos de financiamento a cultura. Centrar no incentivo fiscal foi um erro estratégico do Governo passado. O incentivo é um dos formatos de financiamento possível, dentre vários. Tem que se resgatar o FICART, desenvolver uma loteria da cultura, criar programas para aplicação clara do Fundo Nacional de Cultura (FNC), potencializar a transversalidade de ação (compor recursos com outros Ministérios, empresas públicas e privadas) e lutar por emendas e ampliação do orçamento do MinC.

Entendida a necessidade de tirar o incentivo fiscal do centro das atenções, é importante também consignar o apoio ao incentivo fiscal e defender sua **reformulação e ampliação**. Estranhamente o mecanismo vem sendo alvo de duras críticas, de quem parece que prefere ver o fim do benefício. A Lei Rouanet configurou-se em instrumento eficaz para aportar mais recursos no setor e conscientizar o empresariado. Necessitam ser corrigidos dois pressupostos na legislação para a reformulação pretendida:

O primeiro deles está centrado na relação "**capacidade de investimento x benefício fiscal**": existem poucos investidores concentrando um grande volume de benefícios. Como a porcentagem de abatimento é uniforme, as grandes empresas concentram uma possibilidade de desconto grande no imposto de renda, enquanto as pequenas ficam impedidas de participar. Para corrigir isso basta ESCALONAR o abatimento das empresas - carga tributária maior abate menos; carga tributária menor abate mais. Com isso teremos um aumento do número de empresas participantes. A França se utilizou desse expediente com sucesso.

A segunda discordância vem do "**rol de projetos beneficiados**". Há uma dificuldade muito grande em se estabelecer quais

devem ser os projetos objeto de benefício, o que ainda não está muito claro - colocar cultura de forma genérica é muito amplo - precisa-se criar um conjunto de critérios onde se dê mais ou menos benefício de acordo com a necessidade maior ou menor do Estado participar da ação projetada. Quem define isso certamente não é a área cultural, como é delimitado hoje pela legislação. Essas questões devem ser pensadas juntamente com outras como, por exemplo, a distribuição regional de incentivos.

Para a **ampliação de incentivos fiscais** seria criada uma outra forma de a empresa aportar os recursos utilizando incentivo fiscal, similar ao artigo 3º da Lei do Audiovisual. Por este mecanismo as empresas distribuidoras, quando da remessa de seus lucros, têm a opção de aplicar parte do seu imposto de renda devido numa conta da ANCINE e esco-

"Como a porcentagem de abatimento é uniforme, as grandes empresas concentram uma possibilidade de desconto grande no imposto de renda, enquanto as pequenas ficam impedidas de participar."

lher o projeto a que queira destiná-lo. Nessa caso a empresa poderá optar por aportar recursos numa "Conta Especial do Ministério da Cultura", deduzindo os recursos transferidos do imposto de renda. Os projetos encaminhados a este "mecanismo" teriam critérios especiais, próximos de uma ação mais social do Estado, hoje carente de recursos e sequioso de novas fontes de financiamento. Esta medida atrairia recursos principalmente de empresas norte-americanas, que tem dificuldade de utilizar o benefício fiscal brasileiro por serem tributados no país da matriz. Podem representar um "fundo público" sem compor o orçamento da União. São alternativas como essa que precisamos, de imediato, para incrementar o volume de recursos destinados ao setor.

Aqui falamos de uma fonte de recurso possível, sem ainda insistir numa campanha pelo aumento da participação da cultura no orçamento da União. Entretanto, entendemos que o clima das conquistas mereceria uma

ação junto ao parlamento garantindo à cultura um mínimo de 1% do orçamento. Esta ação tinha que fazer parte de uma campanha do Governo Federal para estender esta prática a Estados e Municípios. Com essas medidas teríamos um demonstrativo da nova importância estratégica da cultura.

Além do aumento de financiamento, a cultura tem setores que precisam ser valorizados. O direito autoral, por exemplo, não foi incluído pelo Governo passado na agenda da transição. Nesta linha, precisamos urgentemente da criação de um **Instituto Nacional do Direito Autoral**, vinculado ao Ministério da Cultura e regulatório do setor.

O Presidente LULA e o Ministro Gil, ao reprogramarem a política de cultura nestes eixos, tem nas mãos uma tarefa de grande responsabilidade. Merecem elogios as manifestações do atual Governo de que centrarão esforços no tripé educação - comunicação - cultura. O conceito de cultura, ao que se sinaliza nos discursos do Ministro até agora, será visto de forma ampliada, da maneira mais avançada.

Concluo essa breve reflexão com as palavras do Ministro Gilberto Gil em seu discurso de recepção do cargo: "Cultura (será entendida no Governo) como tudo aquilo que, no uso de qualquer coisa, se manifesta para além do mero valor de uso. Cultura como aquilo que, em cada objeto que produzimos, transcende o meramente técnico. Cultura como usina de símbolos de um povo. Cultura como conjunto de signos de cada comunidade e de toda a nação. Cultura como o sentido de nossos atos, a soma de nossos gestos, o senso de nossos jeitos."

Desta perspectiva, as ações do Ministério da Cultura deverão ser entendidas como exercícios de antropologia aplicada. O Ministério deve ser como uma luz que revela, no passado e no presente, as coisas e os signos que fizeram e fazem, do Brasil, o Brasil. Assim, o selo da cultura, o foco da cultura, será colocado em todos os aspectos que a revelem e expressem, para que possamos tecer o fio que os unem. (...) Não cabe ao Estado fazer cultura, mas, sim, promover o desenvolvimento cultural geral da sociedade. Porque o acesso à cultura é um direito básico de cidadania, assim como o direito à educação, à saúde, à vida num meio ambiente saudável."

Fábio de Sá Cesnik

Advogado sócio do escritório Azevedo, Cesnik, Quintino e Salinas, especializado em direito autoral e leis de incentivo à cultura; autor dos livros "Projetos Culturais", na 4ª edição pela Editora Escrituras e "Guia do Incentivo à Cultura", pela Editora Manole.